

Campanha começa 17 meses antes da eleição

Candidatos saem às ruas e presidente entra na briga para não ser atropelado fora de hora

ANA MARIA TAHAN

Acabou o plebiscito. Vem aí, sem dar trégua ao eleitor, a campanha antecipada em 17 meses e 11 dias pela faixa presidencial e a interminável discussão em torno da revisão constitucional. No meio tempo, permanecerá o angustiante sobe e desce dos índices da inflação, da taxa de juros, do câmbio e do dólar, dos planos econômicos nada miraculosos, do cai-nomeia do Ministério, das fisiológicas negociações do segundo escalão, da contagem de opositores e aliados no Congresso. Tudo bem cronometrado por um calendário, rígido em alguns casos, como o da sucessão, versátil em outros, como o da revisão da Constituição.

Sem dúvida, mais emocionante é a correria pela vaga hoje ocupada por Itamar Franco. No domingo, data prevista para a divulgação do resultado do plebiscito, com o presidencialismo mantido pelas urnas, os afoitos do poder — leia-se pré-concorrentes ao Palácio do Planalto — já terão encenado alguns lances grandiosos de campanha.

O do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, depois de "vender" seu amadurecimento político nos Estados Unidos, baixa em terras pernambucanas, alagoanas, baianas, mineiras e paulistas com sua "caravana da cidadania" num percurso a se iniciar amanhã, em Recife, no prédio da Sudene. Escoladíssimo pela derrota de 1989, resolveu aparar as arestas dos pre-conceitos contra si e o PT bem antes da data oficial de realização das convenções partidárias para a escolha dos candidatos à Presidência da República, com fim marcado para 24 de maio de 1994. Em junho, Lula planeja passar a presidência do PT adiante para se dedicar apenas à campanha e à negociação em torno do programa de governo que o partido terá pronto em dezembro.

Paralelamente, o prefeito Paulo Maluf, que também já esteve nos Estados Unidos, vai aumentando o cacife do PPR, atraindo parlamentares daqui e dali até o 24 de junho, data limite para a filiação partidária. Enquanto isso, tenta fazer arrancar sua administração na prefeitura da Capital. Até agora, fez pro-

messas de grandes obras, conseguiu uma economia de milhões de dólares num acordo com as empresas de transportes coletivos, foi notícia com as visitas aos bairros da cidade, e não perdeu nenhuma das festas preparadas por um provável adversário, o governador Fleury Filho (PMDB).

Primeira nome na lista dos eventuais concorrentes da terceira via, a candidatura de centro apta a enfrentar a polarização Lula e Maluf, o governador Fleury embarca sabado para os Estados Unidos, depois de uma conveniente passagem por Brasília e uma conversa de pé de ouvido com Itamar. Afinal, o presidente marcará sua presença nesta sucessão no sábado, com a reunião do Ministério e a divulgação de um "Plano de Ação Governamental", recheado de objetivos econômicos e sociais a atingir até 1º de janeiro de 1995 quando passará o cargo e o ônus da administração federal ao sucessor.

Fleury viaja para não estar por aqui no dia 30, quando os diretórios do PMDB se reunirão em Belo Horizonte para divulgar uma nota pela reno-

vação do comando do partido. Ou seja, um documento para retirar do atual presidente da legenda, Orestes Quércia, as chances de se reeleger na convenção marcada para 30 de maio. Sem Quércia na corrida sucessória e nas discussões em torno de possíveis acordos entre os adeptos da terceira via, Fleury poderá aumentar suas chances de vestir a faixa presidencial, depois de deixar o cargo em 2 de abril e passar pelos turnos de 3 de outubro e 15 de novembro do ano que vem.

O governador Leonel Brizola, aposta como sempre na bandeira da oposição para agasalhar sua ambição presidencial. Vestiu a camiseta do "sou contra", apareceu quanto quis na campanha pelo plebiscito — numa pré-estréia do horário gratuito marcado para reiniciar em 3 de agosto de 94 —, pousou de radical defensor nacionalista no episódio da privatização da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), brigou com o amigo e correligionário ministro da Justiça, Maurício Corrêa, e vai seguir nesta linha para não abrir espaço para os adversários, nem aqui, nem nos Estados Unidos.

O que acontece agora

abr
25
93

Com 95% dos votos apurados, o TSE deve divulgar o resultado do plebiscito, confirmando a manutenção da república presidencialista.

abr
2
94

Se a Lei Orgânica dos Partidos não for aprovada, a data-limite para filiação partidária coincidirá com o fim do prazo de desincompatibilização de governadores e prefeitos.

mai
30
93

Dia decisivo para as candidaturas de Quércia, Fleury, Ibsen Pinheiro e Antônio Britto: em convenção nacional, o PMDB escolherá seu presidente.

mai
24
94

Fim do prazo para os partidos realizarem convenções e definirem seus candidatos para concorrer nas eleições de outubro.

jun
13
93

O PT, que até agora tem o candidato mais popular à sucessão, Lula, encerra convenção nacional onde escolherá novo presidente e definirá política de alianças.

jun
5
94

Termina o período reservado ao registro de candidaturas na Justiça Eleitoral.

jun
24
93

Caso o Senado aprove a Lei Orgânica dos Partidos (LOP), já votada pela Câmara dos Deputados, termina neste dia o prazo para filiação partidária.

ago
3
94

Deve começar, em cadeia nacional de rádio e televisão, o horário eleitoral gratuito.

out
6
93

Completando cinco anos de vida, a Constituição de 88, deve começar a ser revista a partir desta data. O processo não tem prazo para terminar.

out
3
94

Primeiro turno das eleições para presidente e governadores e turno único na escolha de senadores, deputados federais e estaduais.

abr
2
94

Termina o prazo de desincompatibilização para os que estiverem em cargos executivos e tenham planos de concorrer nas eleições de outubro de 94.

nov
15
94

Segundo turno das eleições para a Presidência da República e governos estaduais.